

OS MEDIA NA COBERTURA DOS CICLONES TROPICAIS EM MOÇAMBIQUE

UM ESTUDO CENTRADO NO
FOLLOW UP NOTICIOSO DOS
IMPACTOS DO "IDAI"¹

Sérgio Jeremias Langa²

sergiolanga@icar.co.mz

Precidónio Silvério Hilário Uamusse³

precidoniosilverio@outlook.com

Resumo

Preocupa-nos a apatia da imprensa em dedicar-se a cobrir um assunto que constitui um dos desafios da actualidade. "Os Media na cobertura dos Ciclones Tropicais em Moçambique: um estudo centrado no *Follow up* noticioso dos impactos do idai" constitui o título deste artigo. A partir da inquietação sobre a (im) possibilidade de a Televisão de Moçambique (TVM) ter feito cobertura e publicações noticiosas do Ciclone Tropical Idai, com o estudo pretende-se compreender se a TVM continua ou não a explorar outros ângulos que possam fornecer mais subsídios para o entendimento de um determinado Ciclone Tropical, na perspectiva de essa informação poder esclarecer os telespectadores. Move-nos

a elaborar este estudo a noção de que o trabalho jornalístico deve ir além do simples relato dos acontecimentos, sendo fundamental que, após a ocorrência de um fenómeno, o jornalista desdobre-se no *Follow up* para explorar outras possibilidades que não seriam aprofundadas num simples relato noticioso imediato. Metodologicamente, socorremo-nos da Análise de Conteúdo com abordagem híbrida (qualitativa e quantitativa). Constatámos que a TVM não fez o *Follow up* dos impactos ciclónicos durante o período em análise (Abril e Maio de 2019), tendo, muitas vezes, publicado *breaking stories* no lugar de matérias aprofundadas sobre os impactos do Ciclone Tropical Idai.

1. Pesquisa elaborada a partir de um país (Moçambique) que não aderiu ao acordo ortográfico

2. Doutor em Políticas de Educação pela Universidade Eduardo Mondlane; Mestre em Jornalismo e Estudos Editoriais pela Universidade Pedagógica de Maputo - Moçambique; Bacharel e Licenciado em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Comunitário; Graduado em Design Publicitário; Professor e Pesquisador na Escola Superior de Jornalismo, Maputo - Moçambique.

3. Licenciado em Ciências da Comunicação, especialidade de Jornalismo pela Escola Superior de Jornalismo - Moçambique; Jornalista Freelancer.

Palavras-chave: *Follow up, Ciclone Idai, Meio-ambiente, Media, Televisão de Moçambique.*

Abstract

We are concerned about the apathy of the press in dedicating itself to covering a subject that constitutes one of today's challenges. "The Media in Covering Tropical Cyclones in Mozambique: a study focused on the news follow-up of the impacts of idai" comprises the theme of this article. Based on concerns about the (im)possibility of Television of Mozambique (TVM) covering and publishing news about Tropical Cyclone Idai, the study aims to understand whether or not TVM continues to explore other angles that could provide further information. for the understanding of a specific Tropical Cyclone, from the perspective of this information being able to enlighten viewers. The notion that journalistic work must go beyond the simple reporting of events moves us to develop this study, and it is essential that, after the occurrence of a phenomenon, the journalist dedicates himself to Follow up to explore other nuances that would not be explored in depth. in a simple immediate news report. Methodologically, we used Content Analysis with a hybrid approach (qualitative and quantitative). We found that TVM did not Follow up on cyclonic impacts during the period under analysis (April and May 2019), having often published breaking stories instead of in-depth articles on the impacts of Tropical Cyclone Idai.

Keywords: *Follow up, Cyclone Idai, Environment, Media, Mozambique Television.*

Introdução

Moçambique é, depois de Madagáscar, o país mais vulnerável às mudanças climáticas na África Austral e um dos

mais afectados do mundo. O país é ciclicamente afectado pelos impactos deste tipo de desastres naturais e as manifestações ciclónicas são cada vez mais intensas a cada ano que passa. Neste contexto, os meios de comunicação social consagram-se como veículos cujo papel é prestar um serviço de informação sob quaisquer aspectos que afligem a sociedade. Naturalmente, os media não aparecem como agentes que debelam problemas, mas podem emitir uma mensagem apelativa de como as pessoas se podem comportar perante uma determinada situação.

A vulnerabilidade de Moçambique aos ciclones tropicais pode ser vista como uma temática que traz um desafio às redacções. Assim referimos porque a cobertura a intempéries no país, pelos meios de comunicação social, poderá ser uma praxe com um terreno fértil de se enraizar. O desafio a que nos referimos é no sentido de as redacções conceberem as coberturas dos desastres naturais, particularmente dos ciclones, como agenda no topo das prioridades.

Ao ritmo em que o país se encontra em termos de frequência da ocorrência dos ciclones tropicais, pensa-se que é preciso levantar e aprofundar o debate sobre a responsabilidade social dos media, se quisermos pensar nos meios de comunicação social como legítimos veiculadores de informação apelativa.

Os ciclones tropicais em Moçambique colocam o país numa situação emergencial que, inequivocamente, mexe com vários sectores, desafiando-os a reformular a sua forma de actuar para fazer face à emergência que agora perdura. Entendemos, por isso, que os media são um sector que deve olhar a vulnerabilidade do país aos impactos dos ciclones tropicais como uma emergência. Para entender essa possibilidade, é importante analisar a cobertura da Televisão de Moçambique nos impactos do Ciclone "Idai".

Os ciclones tropicais que se têm feito sentir em Moçambique parecem mostrar a vulnerabilidade do país aos efeitos das alterações climáticas. As evidências dessa vulnerabilidade podem estar reflectidas nos impactos dos Ciclones Idai, Kenneth, entre outras depressões tropicais que tem assolado o território nacional.

O Ciclone Idai que assolou a zona centro do país, com destaque para a cidade da Beira, na província de Sofala, e das inundações subsequentes, causou a morte de mais de 600 pessoas, 1,641 feridos, 400 ficaram deslocadas, diz o Relatório Nacional da Situação do Ciclone Idai e Kenneth (GUDO et al., 2019). Com o estudo "Os media na cobertura dos ciclones tropicais em Moçambique", procuramos compreender se a TVM continua ou não a explorar outras perspectivas que proporcionem mais dados para o entendimento de um ciclone tropical, visando clarificar e elucidar os telespectadores.

Inquietação Investigativa

Uma das questões discutidas no tocante à cobertura dos ciclones tropicais é a continuação da divulgação de matérias sobre um assunto anteriormente veiculado pelo meio de comunicação, (GIRARDI e REGES, 2007). Estes autores discutem a noção do *follow up*, esclarecendo que a divulgação de um evento pode merecer continuidade noticiosa, uma vez que não se pode esgotar todos os aspectos de um acontecimento em apenas um relato noticioso.

Sobre o *Follow up* mediático, convém referir que Girardi e Reges (2007) fazem referência à necessidade de uma cobertura jornalística muito além do simples facto do relato de um acontecimento. Neste sentido, podemos pensar na possibilidade de a Televisão de Moçambique ter feito o *Follow up* sobre os impactos do Ciclone Idai, sob o pressuposto de que é

necessário que a cobertura jornalística extravase a dimensão de apenas noticiar a ocorrência de um evento, mas também de dar acompanhamento ao assunto e explorar outros ângulos.

Amaral et al. (2020) afirmam que o tempo incide sobre a narrativa jornalística de muitas maneiras. Há o tempo da produção da matéria jornalística, há a pressão do tempo na veiculação da informação e há a inscrição do tempo na narrativa do acontecimento. Há o momento da emergência, de alerta ou eclosão da crise, que emerge sempre pelas suas consequências. Posteriormente, há uma fase que inclui a busca das causas e das controvérsias que envolvem o facto.

Diante deste pensamento, parece que os autores reconhecem que é preciso que a cobertura jornalística privilegie o *Follow up* noticioso, com vista a projectar uma abordagem a fundo sobre os acontecimentos, neste caso, os ciclones tropicais.

Os desastres naturais têm dominado as pautas jornalísticas local e globalmente. Por isso mesmo, entendemos que é razoável trazer alguns exemplos de cobertura midiática destes eventos ciclónicos tanto a nível local, como em algumas regiões do mundo, onde estes fenómenos são recorrentes.

Começamos pelos Estados Unidos da América (EUA), que, por exemplo, no dia 12 de Dezembro de 2021, o Estado de Kentuchy, foi abalado por um tornado de longa duração. A intempérie causou mortes e destruições de várias propriedades, sobretudo residências em várias cidades.

Na sequência do tornado que se fez sentir na cidade Mayfield, em Kentuchy, o canal Fox News, fez cobertura e noticiou com regularidade sobre o fenómeno que abalou àquela cidade. Neste dia, uma das notícias de destaque tinha o seguinte título: *Áudio arrepiante revela os pedidos*

de ajuda de uma mulher do Kentucky que ficou presa nos escombros de um tornado.

É nossa percepção que o canal televisivo Fox News tenha escolhido destacar esta notícia pelo nível de sensibilidade que a matéria carrega. Só de imaginar uma mulher debaixo de um temporal entre escombros, lama e desespero, essa história, jornalisticamente, é digna de menção. Nesse sentido, a Fox News trilhou pelo humanismo na cobertura do temporal.

Além do humanismo, o canal acomodou a etiqueta de *Follow up* noticioso, que é o cerne do nosso estudo. É que três meses depois de Mayfield ter sido abalada pelo tornado o canal Fox voltou ao terreno para reportar o pós-desastre e, naturalmente, o assunto tomou outro rosto, com outros subsídios. No dia 10 de Fevereiro, a Fox News noticiava que *“Esta é a nossa casa”: a recuperação de Mayfield continua 2 meses após o surto mortal de tornados.*

No corpo da notícia desta matéria, a Fox conta a história de residentes de Mayfield, que testemunharam o desastre a 12 de Dezembro de 2021. Na reportagem, os entrevistados falam do pavor que o tornado lhes causou, a tentativa de escapar do perigo, o medo do que pode acontecer futuramente, mas como disseram à Fox News, não há outra opção, que é preciso seguir com a vida e tentar superar o trauma.

Como podemos depreender, depois de três meses, a Fox voltou a reportar sobre o tornado, tendo explorado outro ângulo de cobertura, ou seja, privilegiou o *Follow up* noticioso e não se limitou a informar apenas no período do surgimento do tornado. Portanto, a postura da Fox News Channel corrobora com os enunciados de (Girardi e Reges, 2007), quando insistem na ideia de desdobramento dos jornalistas sobre os acontecimentos.

Na Ásia, por sua vez, traz-se exemplo da Indonésia. No dia 16 de Dezembro de 2021, a BBC Brasil divulgou uma matéria com o título: Tsunami na Ásia: uma onda de morte e destruição. Na reportagem, o canal relata o tsunami que abalou vários países da Ásia, dos quais a Indonésia, há 18 anos, tendo o desastre natural ocorrido no dia 26 de Dezembro de 2004 (BBC BRASIL, 2021).

Parte do texto original da reportagem diz: As 226 mil vidas levadas pelas águas do tsunami serão sempre uma dolorosa lembrança da capacidade destrutiva da natureza. Diante de um futuro de mudanças climáticas, as lições deixadas pelas ondas gigantes, sobre como respeitar o planeta e proteger comunidades, devem ser aprendidas (BBCBRASIL, 2021).

No dia 29 de Setembro de 2018, a BBC News Brasil publicou a notícia que dizia: Mais de 380 pessoas morreram depois que um tsunami desencadeado por um terremoto de magnitude 7,5 atingiu uma cidade da Indonésia, na sexta-feira. Ondas de três metros de altura varreram Palu, na ilha de Sulawesi (BBC BRASIL, 2018).

Entre as duas matérias veiculadas pela BBC News Brasil, uma é simples notícia e outra é uma reportagem sobre um tsunami que assolou a Indonésia e outros países asiáticos. Com a reportagem, o canal parece-nos ter privilegiado o aprofundamento do acontecimento, fazendo destaque das consequências do desastre e o desenrolar dos trabalhos de resgate.

Rodrigues e Xavier (2013, p. 1) afirmam que “diferente da notícia que é simples e objectiva, a reportagem é rica em detalhes de informações, por isso, ela gera um interesse maior e exige um cuidado a mais na apuração dos factos, na verificação das fontes, para que o texto não corra o risco de se tornar confuso”.

Assim, pode-se afirmar que o *Follow up* noticioso parece ser um caminho ideal para fazer um trabalho jornalístico mais apurado e tal requereria mais tempo de trabalho sobre um determinado assunto. Nesta ordem de ideias, a BBC Brasil pode ter privilegiado o *Follow up* ao produzir uma reportagem sobre a ocorrência de um tsunami, num esforço de dispor ao público uma informação mais completa e além do simples facto de relatar o assunto.

Ademais, a reportagem do canal britânico inclui uma espécie de chamada de atenção sobre ameaças dos desastres naturais que diz o seguinte: Diante de um futuro de mudanças climáticas, as lições deixadas pelas ondas gigantes, sobre como respeitar o planeta e proteger comunidades, devem ser aprendidas (BBC BRASIL, 2021).

Neste excerto, parece-nos que o *Follow up* permitiu ao jornalista trazer também um ângulo didático sobre a ocorrência do tsunami, como um problema das mudanças climáticas e a necessidade de se ser sensível a esta situação. A Europa, por sua vez, segundo o Diário de Notícias de Portugal (2016) é considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como a terceira região do mundo mais afectada por catástrofes naturais, como sismos e inundações, logo a seguir às Américas e à Ásia.

Em Julho de 2021, a Alemanha foi alvo de inundações cujos estragos parecem ter sido de grande proporção. Vários órgãos de comunicação veicularam informações sobre a situação. No dia 18 de Julho de 2021, A Euronews noticiou o seguinte: Chuvas torrenciais causam inundações no sul da Alemanha (EURONEWS, 2021).

No dia 15 de Agosto de 2021, praticamente um mês depois, o canal internacional publicou a notícia que dizia: Alemanha

tarda na resposta às vítimas das inundações. A notícia dava conta que tinham morrido 180 pessoas naquele dia (EURO-NEWS, 2021).

A seguir, no dia 18 de Outubro, sensivelmente quatro meses depois da ocorrência das inundações, uma notícia da Euronews (2021) tinha o seguinte título: *Os factores que levaram às cheias mortais na Alemanha e o desafio da reconstrução.*

A primeira e segunda matérias foram publicadas num intervalo de um mês, a segunda e terceira estão separadas por dois meses. A terceira e a primeira separam-se por um período de quatro meses. As três matérias abordam sobre o mesmo fenómeno, mas com ângulos diferentes.

A primeira matéria é um relato imediato sobre o acontecimento e as restantes. Considerando o ângulo de abordagem, parece-nos que a Euronews pautou pelo *follow up*, ao pautar por denunciar a resposta tardia às vítimas e tentar explicar as causas de inundações com impactos aparentemente negativos.

A nível de África mapeámos algumas matérias sobre os ciclones tropicais, entre Ilhas Maurícias, Madagáscar e Moçambique, estes dois últimos países regularmente afectados por este fenómeno.

No dia 10 de Fevereiro de 2023, o canal televisivo via satélite Africanews, noticiou sobre a ocorrência da tempestade tropical Freddy, que podemos conferir a seguir: *A Maurícia foi atingida por fortes chuvas na segunda-feira, quando a intensa tempestade tropical Freddy atingiu o país. Muitas empresas foram obrigadas a fechar e o aeroporto internacional do arquipélago do Oceano Índico foi encerrado. Os*

Serviços Meteorológicos das Maurícias emitiram um aviso de ciclone de classe 3 (nível 3 em 4).

Esta matéria, pelo seu ângulo de abordagem, configura-se como a notícia-*breaking news*- ao informar que as Ilhas Maurícias estavam sob chuvas intensas associadas a uma determinada tempestade tropical. Em outras palavras, é uma notícia que pressupunha a continuidade noticiosa, para acomodar o *follow up*, no âmbito de busca de novas abordagens sobre um determinado assunto. No entanto, não conseguimos encontrar uma outra matéria produzida por este canal sobre o mesmo assunto no âmbito de continuidade noticiosa.

Sobre esse ponto, podemos levantar algumas hipóteses. Provavelmente, o canal Africanews deve não ter feito o *follow up*, por se identificar mais com o *breaking news*, ou o canal ainda não tem uma equipa sólida nas Ilhas Maurícias que possa fazer o devido acompanhamento da pauta jornalística. Noutra análise, é provável que assuntos de cariz ambiental não estejam no rol das prioridades do canal Africanews.

Ainda sobre a mesma tempestade, em relação a Madagáscar, o canal Africanews anunciou no dia 10 de Fevereiro que *as autoridades malgaxes anunciaram que a passagem do poderoso ciclone tropical Freddy causou quatro mortos. A tempestade afectou cerca de 16.600 pessoas, segundo o Gabinete Nacional de Gestão de Riscos do país.*

Um mês depois de o ciclone ter abalado a Ilha de Madagáscar e Moçambique, o Africanews informou que *o Freddy já tinha matado 10 pessoas no país da África Austral (referindo-se a Moçambique) durante a sua primeira passagem, no final de fevereiro, e 17 no total em Madagáscar, onde também atingiu duas vezes, descrevendo uma trajectória em looping raramente registada pelos meteorologistas.*

Neste caso, podemos assinalar que o Africanews, em comparação com a sua cobertura nas Ilhas Maurícias, para o caso de Moçambique e Madagáscar, *acomodou o Follow up* na cobertura da tempestade tropical Freddy. Aqui, podemos também avançar algumas hipóteses deste comportamento midiático. A primeira, que estes dois países foram mais fustigados pelo temporal que as Maurícias. Em segundo lugar, que ambos territórios são regularmente afectados pelos eventos ciclónicos, daí a atenção pelos mesmos.

Os exemplos noticiosos acima referenciados encontram suporte nas abordagens de autores como Girardi, Reges, Rogrigues e Xavier que comungam a mesma ideia, ao defenderem que a notícia é um produto temporal. Por isso mesmo, é crucial que o assunto divulgado seja continuado, no sentido de explorar mais do mesmo e seja possível esclarecer questões que num simples relato noticioso não caberiam.

O The News Manual diz que “acompanhamentos” mostram como diferentes partes da vida estão conectadas. Sempre que se termina de escrever uma história, limita-se o relato do evento ou debate a um único momento no tempo.

“Os acompanhamentos ajudam-nos a contextualizar as histórias por um longo período de tempo e a explicar causa e efeito. A maioria dos eventos é como jogar uma pedra em uma poça de água: a pedra força as ondulações a espalhar-se, perturbando a água em todas as direcções. Só porque paramos de relatar um evento (como a queda de uma pedra) não significa que as próprias ondulações param de se espalhar. Devemos observar e relatar as ondulações também”, alerta o THE NEWS MANUAL (2019, p. 1).

No caso particular de África, concretamente em Moçambique, não conseguimos identificar exemplos de relevo de

notícias continuadas. Avistou-se, maioritariamente, matérias que se encaixam como *breaking news/stories* e não necessariamente *follow up*.

No campo da pesquisa, os autores que escreveram com um teor científico sobre a problemática do *Follow up* noticioso, na cobertura jornalística de desastres naturais no país, são contáveis.

Temos estudos dos autores como Buque, Langa e Macia (2018) que abordam sobre educomunicação ambiental sem, no entanto, se referirem aos ciclones tropicais, nem sobre o *Follow up* na divulgação do fenómeno.

Embora Buque, Langa e Macia (2018) tenham contribuído com os seus estudos noutra vertente da Comunicação, a falta de resposta, com teor científico, relativamente à (in) existência do *Follow up* mediático nos impactos ciclónicos tropicais, fez emergir inquietações que deram origem ao seguinte questionamento: terá a Televisão de Moçambique privilegiado o *Follow up* noticioso na cobertura dos impactos do Ciclone Idai entre os meses de Abril e Maio de 2019?

Follow Up noticioso e a Cobertura dos Impactos do Ciclone Idai

É vital perceber até que ponto os impactos do Ciclone Idai teriam o privilégio de merecer um *Follow up* noticioso pela Televisão de Moçambique, mas, antes de se tentar fazer essa ponte, é importante conhecer-se o conceito do *Follow up* e os aspectos a ele relacionados.

Em primeiro lugar, o dicionário Priberam define *Follow up* (continuidade) como uma tarefa ou função que visa

estabelecer consistência e coerência de todos os elementos (imagens, sons, cortes, sequências, caracterização das personagens, objectos, espaços, etc.) de um filme, um espectáculo, um programa e mais. O dicionário refere que o *Follow up* (continuidade) está relacionado ao que é contínuo ou que tem uma duração contínua.

Ainda sobre o *follow up*, Cardoso (2017) afirma que consiste em seguir, monitorizar, manter o tema em pauta, de modo a informar a opinião pública de forma ininterrupta o evoluir do acontecimento e não deixar morrer a questão sem que o leitor fique por dentro do desenrolar do caso.

O autor lembra que o acompanhamento do desenrolar da notícia é um dos aspectos centrais no processo de formação, informação e esclarecimento da opinião pública. A ausência de continuidade provoca especulação e conseqüente desinformação.

Segundo Ferreira e Gil (2011) apud Cardoso (2017) à imprensa são reservadas as funções de proporcionar um fórum para a discussão de ideias e dar voz à opinião pública para agir como vigilante.

A observância, diz Cardoso (2017), materializa-se por via de um trabalho aturado, em torno da monitorização de assuntos de interesse público. Só assim, o cidadão estará munido de informação que lhe permita ajuizar de forma objectiva, quando for chamado a posicionar-se.

De acordo com Ferreira e Gil (2011) citados por (Cardoso, 2017), estas expectativas baseiam-se no pressuposto de que a democracia ideal equivale à democracia

participativa, em que os cidadãos bem informados jogam um papel activo em termos de decisão política.

Estas afirmações sugerem-nos a ideia de que uma vez que o *Follow up* permite o tratamento de informação de forma apurada, podendo gerar perspectivas diferentes, o mesmo tem o potencial de fomentar um debate entre os membros de um tecido social sobre um fenómeno do seu interesse ou que mexe, sobremaneira, com o seu dia-a-dia.

Cardoso (2017) afirma que a imprensa é o sítio privilegiado para a discussão de ideias e o acompanhamento dos assuntos noticiados até ao seu desfecho. Uma pessoa informada corre menos risco de tomar decisões equivocadas e estará mais precavida contra manipulações.

Neste sentido, podemos supor que o *Follow up* seria um mecanismo pelo qual os impactos do Ciclone Idai fariam parte da agenda da Televisão de Moçambique, podendo actualizar o que estava a ocorrer nas zonas afectadas, podendo gerar debates sobre a problemática da vulnerabilidade dessas regiões aos ciclones tropicais e soluções para a adaptação a estes desastres naturais. Ademais, o autor refere que a proactividade dos jornalistas se afigura um dos aspectos importantes para que uma determinada matéria entre na agenda mediática e tenha o devido seguimento.

Sobre este pensamento, (Meneses, 2003 apud Cardoso, 2017) reconhece a necessidade de o jornalista ser insistente e evitar ideias preconcebidas, o que passa pelo recurso à praxe do *Follow up* noticioso.

Um *follow-up* é o termo utilizado pelos jornalistas para designar uma história que é escrita para que se possa

relatar mais pormenores de uma história que já foi publicada ou transmitida. Esses detalhes extra podem ser novos factos, desenvolvimentos posteriores, reacções ou novas questões que tenham sido levantadas pelo acontecimento original. O que todos os artigos de seguimento têm em comum é o facto de dependerem, em parte, do seu valor noticioso de uma história anterior.

Segundo o The News Manual (2008), os *follow-ups* são necessários, porque uma história por si só pode não cobrir devidamente todos os aspectos de um acontecimento ou controvérsia. Embora a vida se desenrole segundo a segundo, dia a dia, os jornalistas não podem relatá-la toda.

Os jornalistas têm de se concentrar em partes da vida e comunicá-las aos seus leitores ou ouvintes em histórias de 20 centímetros ou reportagens de 40 segundos, segmentos de três minutos de actualidade ou artigos de meia página. Os jornalistas impõem limites de espaço e de tempo às suas reportagens que nem sempre reflectem a importância do acontecimento no mundo real (THE NEWS MANUAL, 2008).

Em conformidade com o enunciado do The News Manual, podemos depreender que as notícias da última hora limitam aos jornalistas a desenvolver uma história capaz de abordar todos os condimentos que um assunto pode merecer. Ao considerar as notícias como breves relatos, é razoável que o assunto seja explorado numa outra pauta jornalística com um ângulo que permita que o jornalista se desdobre em aspectos que não caberiam numa notícia efémera.

Etana (2014), escreve que os artigos de acompanhamento (*follow-up*) são escritos após um período de tempo, como

alguns meses, um ano, ou mesmo vários anos. As histórias de seguimento oferecem frequentemente novas informações para lançar nova luz sobre eventos conhecidos ou revisitam eventos para os reinterpretar. Estas histórias têm um objectivo mais avaliativo, analítico ou interpretativo, recorrendo a peritos, testemunhas e outros envolvidos na história de alguma forma.

Em outras palavras, Etana elucida-nos que o acompanhamento de assuntos depois de algum tempo pode ajudar ao auditório a visitar os acontecimentos, mas com a particularidade de entender a fundo as causas de um determinado fenómeno social, político-económico e para o nosso estudo, natural (se se considerar ciclone como um fenómeno natural).

Num outro plano de abordagem sobre o *follow-up*, Etana (2014) alerta que a continuidade noticiosa reside em dar grande atenção ao ângulo humano, caso contrário, este tipo de reportagem é nada. O envolvimento das pessoas é essencial, caso contrário, o jornal ou a revista perderiam os seus leitores.

Corroborando com o pensamento de Etana, ressaltamos que o ângulo humano em histórias de reportagens de acompanhamento não é uma mera estratégia para provocar a sensibilidade dos leitores ou quem que seja a audiência. É que o jornalista é um mero servidor de uma sociedade e as suas notícias e reportagens têm, em primeira instância, de levantar as dores das pessoas e apelar para que sejam resolvidas. Para este caso, em particular, o *follow-up* sobre eventos ciclónicos, consubstanciando com o ângulo humano, pode influenciar na tomada de medidas pro-ambientais, por exemplo, na massificação de mecanismos de aviso pré-ciclone.

O Décimo Terceiro (13º) objectivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Segundo o sítio das Organização das Nações Unidas (ONU), os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são um apelo global à acção para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente, o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Estes são os objectivos para os quais as Nações Unidas estão a contribuir a fim de alcançar a Agenda 2030 em Moçambique e no mundo.

As Nações Unidas lembram que a Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável, constituída por 17 objectivos, desdobrados em 169 metas, foi aprovada pelos líderes mundiais, no dia 25 de Setembro de 2015, numa cimeira na sede da ONU, em Nova Iorque, nos Estados Unidos da América.

Intitulada "Transformar o nosso mundo: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável", a resolução da Organização das Nações Unidas entrou em vigor a dia 1 de Janeiro de 2016. O décimo terceiro Objectivo de Desenvolvimento Sustentável diz:

"Adoptar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos". Entre as metas deste objectivo, o destaque vai para três: reforçar a resiliência e a capacidade de adaptação a riscos relacionados com o clima e as catástrofes naturais em todos os países; integrar medidas relacionadas com alterações climáticas nas políticas, estratégias e planeamentos nacionais.

A terceira meta consiste em melhorar a educação, aumentar a consciencialização e a capacidade humana e

institucional sobre medidas de mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce no que respeita às alterações climáticas.

Como podemos depreender, o décimo terceiro objectivo privilegia a noção de consciencialização sobre os desastres naturais, particularmente dos ciclones tropicais. Ora, sabe-se que os media, além de informar, têm a função de formar a cidadania, o que quer dizer que se a TVM tivesse pautado pelo *Follow up* noticioso na cobertura dos impactos do Ciclone Idai, terá contribuído para a consciencialização sobre a agenda climática que se deseja alcançar.

A Lei de imprensa e sua aplicabilidade na Cobertura dos Ciclones Tropicais

A Lei n.º 18/91 de 10 de Agosto define imprensa como os órgãos de informação cuja actividade principal é a recolha, tratamento e divulgação pública de informação, sob a forma de publicações gráficas, rádio, televisão, cinema ou qualquer reprodução de escritos, som ou imagens destinadas à comunicação social.

O instrumento aponta que a imprensa contribui, dentre vários, para o cumprimento dos objectivos tais como: a consolidação da unidade nacional e a defesa dos interesses nacionais; a promoção da democracia e da justiça social; o desenvolvimento científico, económico, social e cultural; a elevação do nível de consciência social, educacional e cultural dos cidadãos; o acesso atempado dos cidadãos a factos, informações e opiniões; a educação dos cidadãos sobre os seus direitos e deveres; a promoção do diálogo entre os poderes públicos e os cidadãos e a promoção do diálogo entre as culturas do mundo.

Sobre o acesso atempado dos cidadãos a factos, informações e opiniões, a TVM poderia ter feito cumprir este objectivo com uma cobertura continuada dos impactos do Ciclone Idai. Após a ocorrência da intempérie, várias pessoas ficaram incomunicáveis, com a destruição das infraestruturas, incluindo das telecomunicações, como faz referência a notícia do jornal online O País, no dia 19 de Março de 2019.

“Além de corte de electricidade, o Ciclone Idai está a afectar a comunicação, impedindo que as pessoas das regiões afectadas interajam através de celular ou de internet. Assim é desde a noite de ontem (18 de Março de 2019) na zona centro do país”, (O PAÍS ONLINE, 2019).

Supõe-se, assim, que com uma continuidade noticiosa dos impactos do Ciclone Idai, as vítimas saberiam do que as autoridades estariam a fazer para repor os danos e reestabelecer as comunicações interrompidas pela intempérie.

Teoria de agendamento ou Agenda Setting

Como teoria principal do nosso estudo, propomos a Agenda Setting. É nosso entendimento que a continuidade noticiosa na cobertura dos impactos do Ciclone Idai estaria intrinsecamente ligada à capacidade dos média em agendar o seu público sobre determinados assuntos em voga.

Segundo Sousa (2006), a Teoria de Agendamento foi apresentada por McCombs e Shaw em 1972 e elaborada a partir do estudo da campanha eleitoral para a Presidência dos Estados Unidos, em 1968.

“A Teoria do Agenda-Setting defende que os meios de comunicação têm a capacidade (não intencional nem exclusiva) de

agendar temas que são objecto de debate público em cada momento”, (SOUSA, 2006, p. 501).

O autor realça que pesquisas realizadas no âmbito da Agenda Setting mostraram que quanto maior é a ênfase dos Media sobre um tema e quanto mais continuada é a abordagem desse tema, maior é a importância que o público atribui a esse tema na sua agenda diária.

Para MacCombs e Valenzuela (2009), o papel de agenda-setting dos meios de comunicação social não se limita a chamar a atenção do público para um determinado conjunto de questões, mas também influencia a nossa compreensão e perspectiva sobre os temas das notícias. Isto torna-se claro quando pensarmos no conceito de agenda em termos abstractos.

Dearing e Rogers (1996) apud Silva (2014) conceituam uma agenda como um conjunto de temas que comunicam, de acordo com uma hierarquia de importância, em um determinado momento no tempo. Um tema na agenda, por sua vez, é definido como “um problema social, conflitivo, que recebeu atenção dos media”.

O processo de agenda-setting é composto pelo funcionamento e pelas relações observáveis entre a agenda dos media, a agenda pública e a agenda política cujas naturezas se dão em termos de definições operacionais (DEARING e ROGERS, 1996).

Ou seja, Dearing e Rogers (1996) assinalam que o mérito do agendamento reside na correlação entre a pauta jornalística imposta pelos media e o interesse do público sobre esses mesmos assuntos. Estes autores, enfatizam ainda que essa operacionalização se efectiva sob o plano da aceitação e assimilação das ideias engendradas pelos media.

Em outras palavras, os dois autores sugerem que o agendamento dos media não só se impõe ao auditório a consumir as notícias pautadas, mas também que é irradiado por fórmulas que vão determinar a compreensão sobre os assuntos a que os indivíduos estão expostos. No tocante à abordagem teórica do agendamento, pode-se referir que este estudo se ajusta à teoria do agendamento. Se a nossa inquietação é para compreender se a Televisão de Moçambique privilegiou ou não o *Follow up* sobre os impactos do Ciclone Idai, tal pressupõe entender se a Televisão de Moçambique pautou o assunto na sua agenda jornalística.

Como vimos, a teoria de agendamento enfatiza que o público atribui cada vez mais importância a um determinado tema quando o mesmo é continuamente destacado pelos media. No entanto, se tomarmos por base que a TVM tenha feito o *Follow up* sobre os impactos do Ciclone Idai, parece-nos racional, e metodologicamente prudente, assumirmos que o telespectador tenha sido devidamente informado sobre o fenómeno e esta seria a primeira condição para que o assunto fosse do domínio da sua audiência e para um debate público informado.

De acordo com Sousa (2006), o sucesso do agendamento depende de vários factores, entre os quais a consonância e a acumulação sobre um determinado tema. Sobre a acumulação, o autor refere que um tema abordado pelos média tem, provavelmente, mais hipóteses de passar para a agenda pública quanto mais as pessoas forem expostas, sucessivamente, às mesmas mensagens.

A consonância pressupõe que um tema passará mais facilmente para a agenda pública, com um determinado enquadramento, se as mensagens transmitidas pelos diferentes media, forem semelhantes.

Se a Televisão de Moçambique pautou pelo *follow up*, então as matérias sobre os impactos do Ciclone Idai tiveram o efeito de acumulação. O efeito de acumulação permitiria que mais telespectadores acompanhassem, de forma mais informada, a evolução dos impactos do Idai.

Importante é a consonância, embora não se ajuste devidamente para o nosso estudo, mas convém afirmar que se a TVM privilegiou o *Follow up* noticioso sobre os impactos do "Idai", provavelmente teve a oportunidade de servir de "espelho" aos outros órgãos de comunicação a colocar os impactos do Ciclone Idai na sua agenda.

Foram analisadas, neste estudo, 42 edições do Telejornal das 20 horas, o principal serviço noticioso da Televisão de Moçambique. Destas edições, conseguimos obter 35 matérias relacionadas ao Ciclone Idai.

As peças noticiosas colhidas são do período de entre Abril e Maio de 2019, dois meses depois da ocorrência do Ciclone Idai. As 35 matérias abordam sobre diferentes assuntos, algumas sobre a actualização dos números de vítimas e danos materiais, outras sobre solidariedade com as pessoas afectadas pela intempérie ou o apelo ao investimento necessário para a reconstrução após o ciclone.

A interpretação e análise vão se cingir a estes assuntos já anunciados. Estas peças têm o potencial para esclarecerem, ao leitor, se a TVM fez ou não o *Follow up* dos impactos do Ciclone Idai no sentido já anunciado por (CARDOSO, 2017).

Uma análise sobre o *follow up* noticioso da TVM

É natural que um órgão de comunicação social faça a actualização de dados sobre a ocorrência de um

determinado fenómeno. A Televisão de Moçambique fê-lo, por isso, convém trazer os assuntos que a TVM divulgou a respeito.

Quadro 1: Actualização das Consequências do "Idai"

Actualização das consequências do "Idai"

- Zona afectada por Idai representa 47 por cento dos 801.537 quilómetros quadrados da área territorial de Moçambique- 4 de Abril;
- Subiu de 501 para 518 o número de mortos na zona centro de Moçambique- 1 de Abril;
- Números de tragédia humanitária: dados preliminares do INGC indicam subida de mortos para 598 na zona centro;
- Subiu para 602 número de óbitos vítimas do Ciclone Idai- 9 de Abril;
- 30 dias após o Idai: Colapso da conduta principal de transporte origina interrupção de abastecimento de água à cidade da Beira- 14 de Abril;
- 30 dias após o Idai: Vítima do Ciclone passa quatro dias sem comer mergulhado na água e padece de anemia- 14 de Abril.

Fonte: Autores 2023

O quadro mostra-nos seis matérias, das quais uma faz menção da área afectada pelo Ciclone Idai, três sobre a actualização do número de mortes causadas pelo desastre natural e duas abordam sobre os 30 dias após a ocorrência da intempérie. As três matérias sobre a actualização de mortes aparecem-nos como "breaking-stories", pois configuram-se como sendo mais uns relatos sobre um novo evento, não necessariamente continuidade de matérias anteriores.

Ainda que abordem em torno do Ciclone Idai, elas não demonstram claramente que se trata de um *Follow up* de um assunto anterior. Apesar de se tratar de novos números de mortes, isto só não basta para que se considere que houve continuidade noticiosa, pois *Follow up* pressupõe que a matéria seja continuidade de uma anterior e que traga novos elementos ou outro ângulo do assunto, o que não se

conseguiu verificar nestas matérias em alusão, contrariando o enunciado pelo The News Manual.

Follow up é um termo jornalístico para uma história que é escrita para retratar mais sobre o evento anteriormente publicado. Estes detalhes adicionais podem ser novos factos, desenvolvimentos, reacções ou novos aspectos que tenham sido provocados pelo fenómeno principal, (THE NEWS MANUAL, p.1, 2019)

A primeira e as duas últimas matérias têm condições de ser consideradas como um feito de *follow up*. Depois de a TVM ter noticiado sobre a ocorrência do Ciclone Idai na Cidade da Beira e no resto do centro de Moçambique, era fundamental que a estação televisiva trouxesse novas abordagens sobre a área afectada. Entendemos que informar sobre este facto, ajudaria a sociedade a ter ideia do impacto que o temporal causou e dar ideia do esforço necessário para a recuperação depois dos estragos feitos.

Vemos, também, duas matérias em que a TVM aborda sobre os 30 dias após o Ciclone Idai. Numa das peças, fala da interrupção de abastecimento de água na Beira, devido ao colapso de uma conduta e noutra retrata o dia-a-dia de uma vítima do Idai, que vive em condições deploráveis. A isto, também, pode-se dizer que se trata de *Follow up* dos impactos do Ciclone Idai.

No entanto, numa destas duas matérias, pensa-se que a Televisão de Moçambique poderia ter sido mais profunda, abordando não apenas sobre uma vítima vivendo em situação precária, poderia ter retratado, por exemplo, a vida de várias pessoas vivendo em mesmas condições. Falar apenas de uma vítima, dá ideia de que a maioria está bem e algumas pessoas, a minoria, é que continuava a ressentir-se das consequências do Idai.

Recuperação Pós-Ciclone Idai na agenda da televisão de Moçambique

No tocante à reconstrução pós-Idai, encontra-se um total de 13 matérias. Nos quadros que seguem, apresentamos os pivôs de cada peça, cuja análise permite aferir se a Televisão de Moçambique fez ou não o *Follow up* dos impactos do Ciclone Idai no período em estudo.

Quadro 2: Recuperação Pós-Ciclone Idai

Recuperação pós-Ciclone Idai

- Ruanda, São Tomé e Príncipe, EUA e Tailândia prometem ajudar na reconstrução- 3 de Abril de 2019;
- Governo aprova os termos de referência para elaboração do programa- 2 de Abril de 2019;
- Estrada Tica-Buzi reabre amanhã, para todo o tipo de veículos- 2 de Abril;
- Banco Africano disponibiliza 100 milhões de dólares americanos para Moçambique- de Abril de 2019;
- BAD anuncia 500 milhões de dólares americanos para a fase pós-Ciclone no centro do país- 5 de Abril de 2019;
- União Africana oferece 9 milhões de meticais ao INGC- 5 de Abril;
- Governo envida esforços para viabilizar reconstrução de infraestruturas- 12 de Abril;
- Concluídos trabalhos na ponte sobre o rio Munhinga em Sussundega;
- Governo precisa de 7 bilhões de meticais para repor infraestruturas públicas- 13 de Abril;
- Vítimas recorrem a chapas reformadas, caniço e estacas para repor suas casas- 13 de Abril;
- FMI garante financiamento em mais de 100 mil dólares a Moçambique- 13 de Abril;
- FMI anuncia facilidades de crédito- 23 de Abril;
- Macurungo queixa-se da falta de transparência na redistribuição de produtos- 12 de Abril;
- INGC declara tolerância zero a casos de desvio de produtos para as vítimas- 12 de Abril;
- Suécia apoia com 10 milhões de dólares para o retorno à normalidade na zona centro- 23 de Maio;
- Empresários otimistas na restauração de infraestruturas socioeconómicas- 25 de Maio;
- Proteção costeira da Beira: Construção da infraestrutura orçada em 91 milhões de dólares- 28 de Maio.

Fonte: Autores 2023

A temática de reconstrução pós-Idai mereceu 17 matérias durante os meses de Abril e Maio no Telejornal. Após semanas

de resgate e acomodação das vítimas do Ciclone Idai em zonas consideradas seguras, seguiu-se o debate sobre a reconstrução das zonas afectadas pela intempérie. Mais uma vez, estas peças mais parecem *breaking stories* que *follow up*.

Entende-se que a Televisão de Moçambique parece ter orientado uma abordagem mais progressista, sustentada por discursos de entidades e deixou de lado a humanização que as vítimas mereciam. Por exemplo, vejamos os seguintes títulos de peças televisivas:

- Governo envida esforços para viabilizar reconstrução de infraestruturas- 12 de Abril de 2019;
- Governo precisa de 7 bilhões de meticais para repor infraestruturas públicas- 13 de Abril de 2019;
- FMI garante financiamento em mais de 100 mil dólares a Moçambique- 13 de Abril de 2019;
- FMI anuncia facilidades de crédito- 23 de Abril de 2019.

Estes quatro títulos de notícias do Telejornal das 20 horas são meramente *breaking stories*, não oferecem nenhuma abordagem profunda, que traga uma reflexão sobre o que as vítimas estavam a passar. O *follow-up* fundamenta-se por um princípio de nova visão que uma matéria pode oferecer ao auditório. Os *breakings stories* são apenas relatos, muitas vezes com uma única versão do fenómeno. A TVM contrariou os pressupostos de Amaral, Loose e Girardi (2020), segundo as quais, a expectativa de superar a fragmentação e a descontinuidade, típicas do fazer jornalístico diário, é posta como um dos pilares deste jornalismo (o jornalismo ambiental).

Para as autoras, o *follow-up* permite que a complexidade esteja presente. A visão míope do jornalismo convencional precisa ser modificada, a fim de permitir que os leitores relacionem as pautas e assuntos. Portanto, a ênfase, em uma contextualização ampla, profunda e crítica (tecendo relações de causas e

consequências), depende, também, de uma apuração o mais completa possível.

Conforme avançam Amaral, Losse e Girardi (2020), o *follow-up* quebra o estilo efémero do jornalismo diário. Segundo as autoras, a descontinuidade noticiosa que é o oposto do *follow-up* não consegue subsidiar ao auditório com respostas sobre as causas e consequências de um determinado fenómeno. Nesse sentido, o alerta à TVM para enveredar pela continuidade noticiosa tem de prevalecer.

No mesmo quadro, pode-se ver um ínfimo esforço de *follow-up* feito pela TVM, como vemos nas seguintes matérias por si publicadas:

- Macurungo queixa-se da falta de transparência na redistribuição de produtos- 12 de Abril de 2019;
- Vítimas recorrem a chapas reformadas, canço e estacas para repor suas casas- 13 de Abril 2019.

Nestas duas peças, a Televisão Pública parece ter privilegiado o *follow-up* no sentido de que trouxe a voz dos afectados, que por sua vez, falaram sobre as dificuldades por que estavam a passar. Estas vozes podem ter ajudado a aferir até que ponto os impactos do Ciclone Idai interferem na vida das vítimas e como a gestão dessa crise humana estava a decorrer (bem ou mal).

Neste caso particular, parece-nos que a TVM foi ao encontro dos pressupostos de Amaral, Losse e Girardi (2020), que enunciavam que as notícias deveriam representar a pluralidade de vozes que estão envolvidas com a questão, inclusive aqueles que não detêm legitimidade científica, empresarial ou política.

A partir de aspectos epistemológicos do campo ambiental, como a interdisciplinaridade e o diálogo de saberes, entende-se que é preciso romper a construção de notícias calcadas no

pensamento único, ou seja, naquele em que o conhecimento científico de natureza cartesiana é considerado como a única fonte de informação confiável, (AMARAL, LOSSE E GIRARDI, 2020).

Ou seja, para estas autoras, notícias efémeras limitam-se em pensamentos únicos, em abordagens lineares, facto que pode ser superado se os jornalistas se desdobrarem em *follow-up*, premissa que permite que as matérias jornalísticas se superem do simples relato, em fundamentação mais complexa sobre um determinado acontecimento.

Socorremo-nos também em Cardoso (2017) que reconhece que o *follow-up* consiste em seguir, monitorizar, manter o tema em pauta, de modo a informar a opinião pública de forma ininterrupta o evoluir do acontecimento.

Em outras palavras, o autor advoga a ideia de que os jornalistas devem manter um acontecimento em pauta, pois essa postura permite que o público acompanhe a evolução do evento e dos aspectos em torno do mesmo, o que abre possibilidades do estabelecimento entre as causas e consequências. Esses aspectos, não cabendo numa notícia efémera sobre uma catástrofe, a continuidade noticiosa é um imperativo.

Apoio a Vítimas do Ciclone Idai e cobertura da TVM

Após a devastação provocada pelo furacão Idai, seguiu uma onda de apoios dirigidos a vítimas do temporal. O apoio surgiu de vários lados, envolvendo instituições não-governamentais, entidades diplomáticas, organizações de caridade, empresas, etc. A nossa pesquisa constatou que a Televisão de Moçambique atirou também a atenção da sua cobertura a este movimento solidário, tal como ilustra o quadro a seguir.

Quadro 3: Apoio a Vítimas

Apoio a vítimas

- Grupo Royal doa 10 milhões de meticais e produtos diversos- 4 de Abril de 2019;
- O Mundo virou para Beira: pelo menos 200 aeronaves decolam e ou aterram no aeroporto- 3 de Abril de 2019;
- Comunidade libanesa oferece donativo avaliado em 4500 milhões de meticais às vítimas do Idai- 3 de Abril 2019;
- Cresce o número de solidariedade em todo o país- 1 de Abril de 2019;
- Sessenta toneladas de alimentos para afectados em Manica- 12 de Abril de 2019;
- Assistência Médica militar chega ao distrito de Nhamatanda em Sofala por via aérea- 12 de Abril de 2019;
- PR relança movimento de solidariedade no país- 1 de Maio de 2019;
- Sasol doa 400 mil dólares em apoio às vítimas do Ciclone Idai no centro do país- 7 de Maio de 2019.

Fonte: Autores 2023

Como podemos depreender, a Televisão de Moçambique parece ter privilegiado os *breaking stories* no quesito de apoio às vítimas. Não que não seja importante informar sobre quem apoiou as vítimas do Ciclone Idai, mas a frequência com que o fez pode ter sido prejudicial na medida em que no lugar de continuar a relatar sobre as necessidades e lacunas por que passavam os afectados, a TVM pode ter caído, consciente ou inconscientemente, na promoção de imagem de quem ofereceu o apoio, deixando de lado quem realmente precisa dar voz, nesse caso as vítimas.

Estas discrepâncias apresentadas pela Televisão de Moçambique na cobertura do Ciclone Idai levantam um alarme sobre o rumo do jornalismo como um pilar para a manutenção de um público consciente dos impactos dos eventos ciclónicos. Levantam também dúvidas sobre a militância (termo sugerido por Bueno) dos jornalistas.

Sobre o *follow-up* no jornalismo, (Bueno, 2007) ressalta o comprometimento com a qualificação da informação, defendendo

que é preciso que os jornalistas estejam conscientes de que esta é uma actividade que requer militância, compromisso, capacitação, ética e profissionalismo.

A militância é vista como uma atitude crítica em defesa da sustentabilidade da vida ou um engajamento social que defenda os interesses de uma relação sociedade-natureza menos nociva e conflituosa. Assim, a qualificação da qual se fala objectiva, por um lado, um jornalismo coerente com os ideais ambientais, por outro, o respeito aos critérios de apuração e redacção próprios do fazer jornalístico (BUENO, 2007).

Podemos ver o alerta de Bueno, como um estímulo aos jornalistas da TVM em particular, para que considerem a importância do comprometimento com a qualificação da informação e militância, que neste caso, reside no *follow-up noticioso* dos eventos ciclónicos.

Produção agrícola no período Pós-Idai e cobertura da TVM

Uma das consequências do Ciclone de Idai foi a destruição de campos agrícolas e suas respectivas culturas, com 711 mil hectares destruídos, segundo o balanço do Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural (MADER), em Abril de 2019. Dos dados recolhidos, a Televisão Pública fez menção dos contornos em volta da produção agrícola.

Entendemos ser racional analisarmos este aspecto, atendendo que a agricultura ainda é considerada a actividade principal em Moçambique, por congregar maior parte dos intervenientes no sector laboral informal e parte considerável do formal. Este dado valida a ideia de que a destruição de vários hectares pode ter provocado

bolsas de fome e a TVM, provavelmente, pode ter feito a acumulação deste assunto, no sentido de apelar para a intervenção de quem compete a solução, como se ilustra no quadro a seguir.

Quadro 4: Produção agrícola Pós-Idai

Produção agrícola pós-Idai

- Garantias do ICM: Impacto do Idai não vai comprometer o plano de produção de cereais- 4 de Abril de 2019;
- Sector de agricultura e segurança alimentar necessita de 67 mil milhões de meticais- 23 de Abril de 2019;
- Governador de Sofala expectante do sucesso na 2a época agrícola - 7 de Maio de 2019.

Fonte: Autores 2023

No tocante à produção agrícola, a Televisão de Moçambique pouco publicou nos dois meses, a avaliar pelo número de matérias, como o quadro nos apresenta. A agricultura é considerada a actividade principal em Moçambique, tendo sido um dos sectores severamente afectado pelo impacto do fenómeno atmosférico em estudo.

A Televisão de Moçambique parece ter sido apática por não orientar a sua atenção nos aspectos em torno da produção agrícola nos meses em análise. A TVM podia ter explorado mais o assunto, as consequências sofridas por causa do Ciclone, desde o produtor de pequena, média e grande escala.

O canal televisivo foi em contra-mão com pressupostos emitidos por Buque, Langa e Macia (2018) que consideram os media como legítimos criadores de opinião pública. Para tal, o *follow-up* joga um papel fundamental, pois ele permite que os acontecimentos continuem em pauta.

As matérias ou temas publicados pelos media são objecto de uma agenda. As notícias veiculadas são, muitas vezes, seleccionadas tendo em conta os efeitos dessas notícias sobre a opinião pública. Paul Lazarfeld e outros autores desenvolveram estudos no campo da comunicação de massa que buscavam estabelecer a relação causa e efeito entre veiculação mediática e resultados eleitorais. Neste prisma, os media passaram a ser utilizados como variáveis importantes para a compreensão do processo de formação da opinião pública (BUQUE, LANGA e MACIA, 2018).

Ou seja, de acordo com estes autores, o *follow-up* estabelece-se como um mecanismo pelo qual as matérias noticiosas transformam-se em instrumentos de formação individual e do colectivo, pois a continuidade noticiosa permite que as histórias sejam explicativas e interpretativas, oferecendo um novo espectro sobre os acontecimentos.

Diante dos pressupostos acima, podemos depreender que se a TVM tivesse orientado a sua cobertura ao ciclone Idai fazendo *follow-up* teria explorado assunto, oferecendo ao público uma abordagem noticiosa mais complexa e fundamentada em causas e consequências do ciclone Idai. Sabe-se que o canal tem delegações em todas as províncias do país, inclusive nas que foram arrasadas pelo Idai, mas entende-se que possa ter havido pouco esforço na cobertura deste evento ciclónico, por parte das equipas locais e a nível central, onde se coordena todo o escopo informativo.

Considerações Finais

A Televisão de Moçambique representa a história da televisão em Moçambique, a avaliar pelo seu surgimento

e pela sua abrangência pelo resto do território nacional. Só estas características conferem à TVM uma grande responsabilidade na prestação de um serviço público que represente as sensibilidades dos cidadãos.

Moçambique, considerado um dos países vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas, enfrenta ciclicamente desastres naturais e estes tornaram-se um fardo enorme para o cidadão (as vítimas), governo e para a sociedade no geral.

Esse fardo deveria igualmente ser enorme para a imprensa, sector considerado quarto poder. Ocorre que os desastres naturais, que cada vez mais se fazem sentir no país, mexem, também, com as redacções, ou de forma generalizada, com os meios de comunicação social.

É possível ver cobertura jornalística quando ocorre uma tempestade, Ciclone ou uma determinada depressão tropical. Até aí não há problema. O que inquieta é o facto dessa corrida de cobertura ou de produção de matérias sobre questões ecológicas ser apenas temporária, ou seja, ela não perdura, acontece esporadicamente no auge do evento, depois do ápice, esquece-se a necessidade de continuar a oferecer informação de natureza ambiental.

Foi no âmbito dessa descontinuidade que este estudo se ocupou no sentido de compreender se realmente é que ocorre ou não. O objecto de estudo, a Televisão de Moçambique, possibilitou a percepção sobre as hipóteses que orientaram esta pesquisa.

Respondendo a três hipóteses, gostaríamos de responder a terceira e depois as duas primeiras. Assim sendo, a

terceira refere-se ao facto de o estatuto editorial da TVM orientar-se ou não em matérias ambientais.

Ocorre que a TVM não tem, sequer, uma secção específica em Meio em Ambiente, que pudesse dedicar-se apenas a conteúdos de cariz ambiental. Este dado coloca a televisão pública numa classificação negativa. Não faz sentido que até hoje, a redacção da TVM não tenha uma editoria que se oriente em explorar a temática ambiental, numa altura em que o país chama a que as redacções reinventem-se com olhos postos aos desafios actuais: os impactos dos Ciclones tropicais no contexto das mudanças climáticas.

Assim, a Televisão de Moçambique peca por não se mostrar exemplar, pelo menos neste quesito. A primeira e a segunda hipótese procuram perceber se a TVM fez ou não Follow up sobre os impactos do Ciclone Idai. No entanto, constatou-se que a televisão pública dedicou o seu tempo a contabilizar o número de matérias sobre o Idai.

Ou seja, quantitativamente, a televisão esteve bem, mas não fez a devida continuidade noticiosa sobre os impactos do Ciclone Idai. A TVM fez mais breaking stories que continuidade de notícia. Publicar um assunto sobre o "Idai" não significa fazer continuidade de um determinado fenómeno, tal como o The News Manual chamam a atenção.

Tanto o The News Manual, como os autores Girardi e Reges, entre outros, defendem que o Follow up noticioso pressupõe a profundidade de um determinado assunto anteriormente abordado, é como se buscasse através do Follow up a evolução no tratamento e um determinado fenómeno, abordando as várias faces desse mesmo evento.

A TVM não fez esse esforço. Apenas orientou-se numa abordagem do culto ao positivo e não realmente as outras faces dos impactos do Ciclone Idai. Se a Televisão de Moçambique tivesse feito devidamente o follow up, teria explorado o além do evento catastrófico, o que não seria possível no momento da sua ocorrência.

A continuidade noticiosa, o follow up, é um caminho para descortinar estas nuances. Diante das constatações aferidas, esta pesquisa sugere algumas fórmulas que a Televisão de Moçambique pode utilizar, com vista a privilegiar a etiqueta do "follow up", para que os assuntos por si veiculados sejam mais esclarecedores, para trazer uma nova forma de ver os fenómenos.

Em primeiro lugar, a TVM poderia começar por criar uma editoria/secção que produza peças jornalísticas especificamente sobre ecologia/ambiente. A televisão tem o exemplo claro da editoria de desporto, que tem, inclusive, um departamento dessa área e o trabalho tem sido plausível. Segundo, seria necessário especializar os jornalistas da editoria ambiental, através de formações ou capacitações.

Em terceiro e último lugar, a Direcção de Informação poderia criar um instrumento legal interno que acomode a informação ambiental como uma das rioridades da televisão. Ou seja, seria vital que a empresa se orientasse do décimo terceiro ODS que pressupõe Adoptar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos. A TVM pode ajudar a cumprir este objectivo através da informação que privilegie o acompanhamento dos assuntos, fala-se do follow up.

Bibliografia

- Amaral, Márcia, Loose, E.B, Girardi, I.M.T, Cobertura Jornalística das Mudanças Climáticas, Rio Grande do Sul, 1ª edição, FACOS-UFSM- Editora, 2020;
- Amaral, M. A, Carlos, C. E, Indicadores para análise das narrativas sobre desastres: em busca de invisibilidades e saliências, Revista Latinoamericana de Comunicação, Quito-Ecuador, CIESPAL, 2020;
- Alves, Laís Hilário, SOUSA, Silva de Sousa e OLIVEIRA, Guilherme Saramago de., A Pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos; s.l, 2021;
- Bacelar, Luciane, BISTANE, Luciana, Jornalismo de Televisão, Rio de Janeiro, Editora Agir, 2006;
- Bardin, Laurence, Análise de Conteúdo, Lisboa, Edições 70, 1977
- Buque, S. L., LANGA, S.J., & MACIA, S.S. A Percepção Sobre Questões Ambientais na Cidade de Maputo e o Contributo dos Media na Educação Ambiental, Revista De Ciências Humanas e Sociais, Maputo, 2018;
- Bueno, Wilson da Costa, Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito, Editora UFPR, Paraná, 2007
- Cardoso, José António dos Reis, A problemática da Continuidade Noticiosa na imprensa cabo-verdiana- Estudo do caso: a Gestão do Fundo do Ambiente nos jornais impressos A Nação e Expresso das Ilhas, 2017;
- Dias, Luis, Continuidade Noticiosa, Brasil, 2011;
- Farranguane, Arsénio José, O Meio Ambiente na Imprensa Moçambicana: O caso do Jornal Notícias, Porto Alegre, 2015;
- Franciscato, Carlos Eduardo, A actualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica, Salvador, 2003;
- Freitas, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano, Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico, 2a edição, 2013;
- GIL, António Carlos, Métodos e Técnicas de Pesquisa social, 6a. ed., São Paulo, Atlas, 2008.
- Gil, António, Como elaborar projecto de pesquisa, Atlas, São Paulo, 1999LAKATOS, Eva Maria;
- Marconi, Marina de Andrade, Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projecto e relatório, publicações e trabalhos científicos; 6ª ed., São Paulo, Atlas, 2001;
- Girardi, Maria Ilza, REGES, Toni, Jornalismo Ambiental: Desafios e Reflexões, 2007;
- Gomes, Itania Maria, Géneros Televisivos e Modos de Endereçamento no Telejornalismo, Salvador, 2011 GUDO, Eduardo et al., Ciclones Idai e Kenneth: Relatório da Situação Nacional, Maputo, 2019
- KOBIYAMA, Masato et.al, Prevenção de Desastres Naturais: conceitos básicos, Curitiba, 2006
- Lakatos, Eva Maria, Marconi, Marina de Andrade, Fundamentos de Metodologia Científica, 5a ed., São Paulo, Atlas, 2003
- Lakatos, Eva Maria, Marconi, Metodologia para Trabalho Científico, 6a ed., São Paulo, Atlas, 2001
- Lakatos, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade, Técnica de Pesquisa; 3a ed., São Paulo, Atlas, 1996
- Mendes, Chrystian Soares et.al, O impacto das mudanças climáticas sobre as leishmaniose no Brasil, Brasil, 2015

- Micoa, Programa Nacional de Gestão para a Avaliação às Mudanças Climáticas, 2007
- Micoa, Estratégia Nacional de Adaptação e Mitigação de Mudanças Climáticas Nacional, Maputo, 2012
- Moçambique, Lei N.º 18 de 10 de Agosto de 1991, que define a liberdade de imprensa, Maputo. 1991
- Moçambique, Lei N.º 20 de 1 de Outubro de 1997, Lei do Ambiente, Maputo, 1997
- Mccombs, Maxwell; Valenzuela, Sebastián, A Teoria da Agenda-Setting-Cadernos de Informação, 2007, Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago, Chile;
- Nahur, André Costa, As Mudanças Climáticas: Riscos e Oportunidades, Brasil, 2015
- Oliveira, Maxwell Ferreira de., Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração, 2011
- Rebello, Manuel Salvador da Conceição, Exposição, Vulnerabilidade e Risco aos Perigos Naturais em Mocambique: o caso dos Ciclones tropicais no Município de Angoche, Lisboa, 2021
- Rodrigues, Liliana, XAVIER, Aline, Técnicas e Práticas para elaborar reportagens telejornalísticas, Manaus, 2013;
- Sousa, Jorge Pedro, Elementos de Jornalismo Impresso, Porto, 2001 SOUSA, Jorge Pedro, A teoria de agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma perspectiva ibérica, 2006;
- Sousa, Jorge Pedro, Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação dos Media, 2a ed, Porto, 2006
- Têso, Jose da Costa, Considerações sobre a Tempestade Tropical Delta e influência na região autónoma da Madeira, 2006 VIEIRA, M.M.F, Pesquisa Qualitativa em Administração. Rio de Janeiro, 2008.
- Etana, Ameyu, As características básicas de rescaldo, acompanhamento e profundidade Histórias de reportagens em série. Universidade de Addis Abeba, Etiópia. Disponível em: www.academia.edu, Acesso em: 20 de Março de 2025
- The News Manual; Follow-ups. Disponível em: https://www.thenewsmanual.net/Manuals%20Volume%201/volume1_24.htm, Acesso em: 20 de Março de 2025